



O LIVRO (ILUSTRADO) INFORMATIVO NA PRODUÇÃO EDITORIAL BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DOS LIVROS PREMIADOS NA CATEGORIA INFORMATIVO DO PRÊMIO FNLIJ 2020 – PRODUÇÃO 2019

THE INFORMATIVE (PICTURE) BOOK IN BRAZILIAN EDITORIAL PRODUCTION: AN ANALYSIS OF THE AWARD-WINNING WORKS IN THE INFORMATIONAL BOOKS CATEGORY OF 2020 FNLIJ AWARD – 2019 PRODUCTION

Margareth Silva de Mattos  0000-0002-4604-467X
Universidade Federal Fluminense. Leitora-votante da FNLIJ

Raquel Cristina de Souza e Souza  0000-0003-2899-2067
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Colégio Pedro II. Leitora-votante da FNLIJ.

 <http://dx.doi.org/10.35572/rle.v2i1.2028>

Recebido em 01 de março de 2021

Aceito em 03 de junho de 2021

Resumo: Este artigo tem como propósito analisar os livros informativos destinados ao público leitor de crianças e jovens integrantes da produção editorial brasileira de 2019 que concorreram ao Prêmio FNLIJ 2020 na categoria Informativo. Esta análise fundamenta-se nos estudos do livro informativo e do livro ilustrado. Seu objeto são os dois livros vencedores do prêmio da categoria – *Lá no meu quintal: o brincar de meninas e meninos de Norte a Sul* e *Reinações de Monteiro Lobato: uma biografia* –, por meio dos quais pretende-se depreender os principais aspectos e características do discurso informativo e seus recursos lúdicos, estéticos e artísticos. Além disso, pretende-se investigar a relação entre texto e imagem nessas obras, bem como o diálogo com os paratextos e o *design*, que os aproximam do formato editorial livro ilustrado. Os resultados da análise desse conjunto de livros informativos apontam para uma tendência de significativa diversificação dos seus formatos editoriais, quase todos pautados na verbo-visualidade e na intergenericidade.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the informative books addressed to children and young people who are part of the Brazilian editorial production of 2019 that were nominated for the FNLIJ 2020 Award in the Informational Book Category. This analysis is based on the studies of the informative book and the picturebook. It has as study object the two award-winning books in the forenamed literary category – *Lá no meu quintal: o brincar de meninas e meninos de Norte a Sul* and *Reinações de Monteiro Lobato: uma biografia* –, through which it is intended to demonstrate the main aspects and characteristics of the informative discourse and its playful, aesthetic and artistic resources. Furthermore, it is aimed to investigate the relations between text and image in these books, as well as the dialog with paratexts and design, which bring them closer to the picturebook editorial format. The results of the analysis of this set of informative books suggest that there is a trend of significant diversification of its editorial formats, almost all based on verbal-visuality and hybridization of genres.

Palavras-chave: Literatura para crianças e jovens. Livro ilustrado. Livro informativo. Prêmio FNLIJ 2020 - Produção 2019 categoria Informativo. Livros premiados.

Keywords: Literature for children and young people. Picturebook. Informative book. 2020 FNLIJ Award – 2019 production. Award-winning books.

1 Introdução

São muitos os estudos sobre o livro ilustrado a que hoje já se tem acesso, conceito que ganhou visibilidade e relevância no Brasil a partir da década de 2010, com a publicação dos livros de Hunt (2010), Nikolajeva e Scott (2011) e Linden (2011). Desde então, muitas são as pesquisas sobre essa forma editorial hoje muito presente na produção para crianças e jovens, que pode assumir diferentes tipos e gêneros, como os da narrativa de ficção – os mais recorrentes –, os de não ficção, a poesia, entre outros (cf. RAMOS, 2010). É, portanto, uma tendência que atravessa o campo literário infantil e juvenil, acarretando mudanças relevantes na forma de conceber a produção, a recepção e a circulação das obras.

Em seus mais recentes estudos, Ramos (2018; 2020) reitera sua concepção de livro ilustrado como um formato editorial inovador, que se define para além da estreita relação entre texto e imagem, estendendo-se para modo como os elementos paratextuais (GENETTE, 2009) e o *design* gráfico recebem um “investimento criativo” que torna o livro um “objeto estético de considerável qualidade” (RAMOS, 2020, p. 177). Nesse sentido, o elemento mais relevante para a definição do livro ilustrado seria a sua própria materialidade, resultado da intervenção do *design* gráfico, que tem um importante e decisivo papel “na fusão entre a linguagem verbal e a icônica e na criação de um suporte adequado a ambas” (RAMOS, 2020, p. 177). Do ponto de vista da produção, a interação verbo-visual e a incorporação da materialidade no projeto de dizer das obras permitem mais possibilidades de experimentação formal e inovação estética.

Entre os gêneros que o livro ilustrado pode abarcar está o gênero de não ficção denominado informativo, no qual predomina a proposta de ação interlocutória informativa, a qual implica o envolvimento intelectual do leitor “no acesso/produção de conhecimentos, que podem ser científicos, sociais e de outras naturezas” (PAULINO, 2000, p. 45). Entretanto, ainda são poucas as publicações que podem ser classificadas como livros *ilustrados* informativos, embora cada vez mais os livros de proposta informativa predominante se aproximem do formato livro ilustrado, principalmente em função do modo como muitos se configuram tanto na sua materialidade quanto na relação simbiótica estabelecida entre as linguagens verbal e visual.

Nas três últimas décadas, acompanhando o movimento cada vez mais intenso de proliferação de imagens mediando a relação da sociedade contemporânea com o real, os livros informativos vêm-se apresentando progressivamente mais elaborados em seus peritextos³ e em seu *design*, o que demonstra um grande investimento em se veicular a informação de modo atraente e desafiador para o leitor, de quem se exige participação ativa na construção de sentidos. Assim, é comum que apresentem muitas características do formato livro ilustrado, como a relação sinérgica entre texto e imagem – ainda que comumente com um volume bem maior de texto que de imagens –; a exploração de elementos paratextuais que confluem para a produção de sentidos, como capa e contracapa, guardas, tipografia/*lettering*, formato e dimensões do livro, entre outros; o uso da página dupla como unidade de sentido; o hibridismo de linguagens e de gêneros. Assim, o investimento gráfico e material torna-se critério relevante para a inserção das

³ Genette (2009) distingue dois tipos de paratextos: o peritexto e o epitexto. O primeiro compreende elementos que se situam em torno do texto, no espaço do mesmo volume ou inseridos nos seus interstícios, como prefácio, título, subtítulos e notas. Já o segundo diz respeito às mensagens cuja origem está fora do livro, em geral em um suporte midiático (como as entrevistas) ou sob a forma de comunicação privada (como as correspondências).

obras no circuito legitimado da crítica especializada e dos prêmios literários, bem como um diferencial no jogo de disputa por espaço no mercado.

O objetivo deste artigo é, portanto, apresentar as especificidades dos livros denominados informativos, a partir do conjunto de obras de autores brasileiros concorrentes ao Prêmio FNLIJ 2020 – Produção 2019 na categoria Informativo, e da análise dos dois livros premiados – *Lá no meu quintal: o brincar de meninas e meninos de Norte a Sul* (ROMEU; PERET, 2019) e *Reinações de Monteiro Lobato: uma biografia* (LAJOLO; SCHWARCZ, 2019) –, buscando depreender os principais aspectos e características do discurso informativo e seus recursos lúdicos, estéticos e artísticos, da relação texto e imagem, bem como dos seus peritextos e da sua materialidade que os aproximam da forma editorial livro ilustrado.

2 O conjunto de livros concorrentes ao Prêmio FNLIJ 2020 – Produção 2019 na categoria Informativo

A produção brasileira de livros informativos para crianças e jovens intensificou-se a partir da década de 1990, quando então passou a ser reconhecida e contemplada pela FNLIJ, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, em uma categoria própria. Seção brasileira do IBBY – Internacional Board on Books for Young People –, a FNLIJ desde 1974 premia livros em diferentes categorias. Justamente pelo aumento significativo da produção, a Fundação instituiu a categoria Informativo em 1990, conferindo desde então ao melhor livro o Prêmio Malba Tahan e ao conjunto de títulos que se destacam pela qualidade, o selo Altamente Recomendável.

O objetivo desta categoria é o de premiar obras de não ficção destinadas a crianças e jovens que têm o compromisso de transmitir, de forma adequada e pertinente, informações relacionadas a diferentes áreas do conhecimento e que contemplam diferentes temáticas. Em tempos de propagação de notícias falsas, pós-verdades e pseudociência, espera-se que o livro informativo cumpra um papel fundamental na difusão da informação séria, comprometida com o conhecimento científico e com os diversos saberes construídos social e culturalmente, de forma ética, rigorosa e crítica.

Em 2019, a produção editorial concorrente ao Prêmio FNLIJ contou com um total de 596 títulos nas várias categorias, dos quais 27 livros, publicados por dezoito diferentes editoras, inseriram-se na categoria Informativo. Desse conjunto de livros, oito receberam o selo Altamente Recomendável e dois, o Prêmio Malba Tahan.

Os livros concorrentes apresentam consideráveis diferenças entre si, seja em termos da estrutura e organização dos seus textos e peritextos, seja em termos das temáticas. A maior parte deles são livros informativos com ilustrações. Poucos são aqueles que poderiam ser classificados como livros ilustrados informativos, em que há, de fato, uma relação de interdependência entre texto verbal e texto visual – ou seja, uma interação que se sustenta nas trocas mútuas a partir das forças e fraquezas de cada código. Ainda assim, como veremos mais adiante, a mera diferenciação entre “com ilustração” e “ilustrado” não dá conta da complexidade da análise do livro informativo contemporâneo, já que a multisssemiose e a intergenericidade constituem aspectos importantes para a sua definição.

Do ponto de vista temático, é notória a recorrência de determinados assuntos, cuja categorização funciona como uma espécie de “termômetro” para as tendências do mercado, as quais, por sua vez, revelam aquilo que se apresenta como mais relevante em espaços vários de discussão na sociedade: universidade, mídia, redes sociais. O

campo literário infantil e juvenil torna-se permeável às questões candentes do mundo contemporâneo e o livro informativo parece um veículo propício para introduzir crianças e jovens no debate público. Assim, é possível agrupar os livros publicados em 2019⁴ recebidos para consideração na categoria Informativo do prêmio FNLIJ 2020 nas tendências temáticas a seguir.

A primeira, *Biografias*, abarca obras sobre personalidades reconhecidas em diversas áreas, como as artes, a literatura e as ciências: *ABCDelas* (TOKITAKA), *Botero e o gato Chiquinho* (LEITÃO; DUARTE), *Era uma vez 20* (SANDRONI), *Frida e a joaninha Flora* (LEITÃO; DUARTE), *Reinações de Monteiro Lobato: uma biografia* (LAJOLO; SCHWARCZ). Chama atenção a presença considerável de figuras femininas de épocas e nacionalidades diversas, em consonância com a atual maior penetração de discursos e práticas feministas na sociedade. Dentre elas, destacam-se Maria Firmina dos Reis (primeira romancista negra brasileira) e Maria Escolástica da Conceição Nazareth, conhecida como Mãe Menininha do Gantois (yalorixá baiana) em *ABCDelas* (TOKITAKA); e Bertha Lutz (ativista feminista, bióloga e política) e Nise da Silveira (médica psiquiatra) em *Era uma vez 20* (SANDRONI).

A segunda temática, *Direitos humanos e Cidadania*, reúne obras sobre assuntos diversos, como *fake news*, mobilidade urbana e a vida de crianças refugiadas no Brasil. São elas: *Como não ser enganado pelas fake news* (AIDAR;ALVES), *Estação mundo: mobilidade* (TERRA) e *Eu estou aqui: crianças que deixaram seus países para começar uma nova vida no Brasil* (ZAKZUK).

A terceira é *Ecologia, Meio Ambiente e Sustentabilidade*, em que é possível perceber dois subgrupos: obras sobre a fauna brasileira – *Bichos vermelhos* (ROSA) e *No céu e no mar as aves das nossas praias* (SANTOS) – e sobre práticas cotidianas sustentáveis – *Ah, se eu pudesse falar!* (MICHELINI; IACocca) e *Alinhavos: o futuro do planeta está no seu guarda-roupa* (ROCHA).

A quarta, *Lugares e Culturas*, concentra-se em cidades brasileiras – *Curitiba de A a Z* (NEVES), *Manaus* (FREITAS) e *Um voo sobre as capitais brasileiras* (CASTRO) –, à exceção de *Uma viagem do Brasil ao Japão* (SANTOS).

A quinta, a mais prolífica de todas, é *Modos de Vida e Cultura Popular: infância, brincadeira, oralidade*. Neste grupo, ganha destaque o universo cultural africano, afro-brasileiro e indígena com as seguintes obras: *Álbum de família: aventuras, memórias e efabulações da trupe familiar Carroça de Mamulengos* (ROMEU); *Guayarê: o menino da aldeia do rio* (YAMÃ); *Kakopi, Kakopi!: brincando e jogando com as crianças de vinte países africanos* (BARBOSA); *Lá no meu quintal: o brincar de meninas e meninos de norte a sul* (ROMEU; PERET); *O livro dos jogos das crianças indígenas e africanas* (SEABRA); *Monstronário: monstros e assombrações do Brasil de A a Z* (TULCHINSKI); *A orelha vai à escola todos os dias: provérbios africanos para ler e refletir* (BARBOSA). O maior número de obras nesta categoria se justifica parcialmente como uma resposta editorial às leis 10.639/2003 e 10.645/2008, que tornaram obrigatório o ensino de História e Cultura africana e afro-brasileira (lei de 2003) e de história e cultura indígena (lei de 2008) nos ensinos fundamental e médio. É interessante observar como a promulgação dessas leis é uma consequência da maior penetração das reivindicações dos grupos historicamente minorizados nas esferas do poder e, ao mesmo tempo, tem amplificado o alcance de suas vozes.

⁴ Deste ponto em diante, os livros informativos que integram os *corpora* deste artigo serão citados omitindo-se o ano de publicação, já que todos são de 2019.

Por fim, algumas obras não seguiram as tendências delineadas: duas de caráter mais histórico, uma sobre a Amazônia e outra sobre os usos simbólicos da cor vermelha através dos tempos – *História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XX* (SOUZA)⁵ e *Tapete vermelho* (BERNARDES; FREITAS); uma de caráter interdisciplinar, aproximando matemática e literatura, *O enigma do infinito* (FUX); uma com noções de cores e vocabulário para a primeira infância – *Salada de frutas: cores e opostos* (RAGGIOTTI) –, do tipo catálogo ou portfólio, que é como Ramos (2010; 2020) denomina um tipo de livro ilustrado que se estrutura não sequencialmente como uma narrativa, mas pela lógica da enumeração, da adição de informações.

Já do ponto de vista formal, a variedade de propostas confirma a inclinação ao hibridismo tanto do gênero informativo quanto do formato editorial livro ilustrado. A informação pode estar organizada de forma narrativa, expositiva ou como lista – o que configura o catálogo ou portfólio; acompanhada de ilustrações, fotografias ou outros subgêneros informativos, em si mesmos multimodais, como infográficos e mapas. Sua leitura e seu manuseio, assim como ocorre com o livro ilustrado, podem implicar “movimentos de avanço das páginas, observação, questionamento constante e interrogação acerca do significado de todas as opções criativas realizadas pelos autores” (RAMOS, 2018, p. 6). Além disso, as fronteiras fluidas da própria concepção daquele formato editorial, como aponta Ramos (2020), também se fazem perceber na importação de técnicas habituais do livro-objeto (como a dobra-sanfona e o *pop-up*, por exemplo), do livro-brinquedo e do livro-jogo (cuja materialidades convidam à brincadeira e ao jogo). Na próxima seção, esses aspectos serão aprofundados.

3 O livro informativo: aproximações com o formato livro ilustrado e outros formatos

Livros informativos são aqueles que, segundo Mattos (2002), têm como compromisso a transmissão de informações, de forma correta e pertinente, relacionadas à área do conhecimento que contemplam, tendendo a fazê-lo de modo estético:

o grande salto qualitativo dos livros [informativos] produzidos nos últimos anos foi dado em relação à excelência dos projetos editoriais que conjugam, via de regra, de forma harmoniosa e competente os textos verbais e não-verbais, entrelaçando-os de modo a se tornarem uma unidade de sentido, já que, em seu diálogo, em sua interação, um complementa o outro. (MATTOS, 2002, p. 110)

Para Garralón (2015), livros informativos são aqueles que oferecem informação estruturada e ordenada sobre determinado tema por meio de recursos variados, auxiliando o leitor criança e jovem a compreender o mundo, desenvolvendo seu pensamento crítico e potencializando sua curiosidade.

Ao se valerem de estudos de alguns pesquisadores que buscam conceituar o livro informativo, Belmiro e Martins (2019, p. 63) concluem que todos eles “não pretendem definir o livro apenas como um veículo de informação, mas consideram as possíveis hibridizações da obra”, e, para reafirmar essa ideia, recorrem à concepção de Paulino (2000) de que a proposta informativa, uma das propostas básicas de ação interlocutória das narrativas, ainda que predominante, pode se mesclar a outras, como a pragmática –

⁵ Trata-se de um livro que não se destina ao público leitor de crianças e jovens.

que intenta modificar o comportamento do leitor, controlando sua recepção – e a ficcional – que intenta potencializar seu imaginário, abrindo-se à polissemia. Em parte significativa dos livros informativos, quanto mais próximos estão de um projeto estético, mais as fronteiras entre informação e ficção se esmaecem, seja pelo recurso a estratégias discursivas próprias das narrativas ficcionais, seja pelo recurso estético-artístico à ilustração em estreito diálogo com o texto verbal, aproximando-os também do livro ilustrado. O maior investimento material e gráfico nos livros informativos brasileiros de potencial recepção infantil e juvenil nos últimos anos demonstra, como apontado por Ramos (2020), que as principais características desse segmento editorial têm contagiado outras publicações e se tornado transversal a diferentes gêneros. A seguir, recorreremos a algumas publicações de 2019 concorrentes ao Prêmio FNLIJ 2020 para exemplificar tais aproximações nas obras de proposta informativa.

No livro *No céu e no mar as aves das nossas praias* (SANTOS), a autoria das ilustrações é compartilhada por dois ilustradores: um, com formação em arquitetura, desenha com grafite, técnica tradicional da ilustração científica, área de interseção entre ciência e arte com função de registro documental, o que faz com que suas ilustrações assumam a função de registro científico; outro, com formação em biologia, é responsável pelas ilustrações coloridas feitas com guache e lápis de cor, mostrando os animais em seus *habitats*, com maiores dimensões e apresentadas, ora em página simples, ora em página dupla.

Essa autoria compartilhada das ilustrações também tem lugar em *Bichos vermelhos* (ROSA), que conta com um ilustrador que ainda assina o *design* gráfico do livro, uma engenheira de papéis e um fotógrafo. Em ambos os livros, o investimento na ilustração e no *design* gráfico em sua configuração, cujo processo criativo é fruto da autoria coletiva e compartilhada envolvendo diferentes autores – escritor, ilustrador, *designer* gráfico, engenheiro de papel, fotógrafo, editor –, os aproximam do formato livro ilustrado.

Em *Era uma vez 20* (SANDRONI), além de também se verificar a autoria coletiva e partilhada (e dessa vez por nomes premiados da literatura, da ilustração e do *design*, conferindo-lhe de antemão índices de legitimação), é importante notar o recurso às narrativas paralelas, que se concretiza na própria forma do livro. A obra conta com duas capas, em vez da tradicional capa e quarta capa, para que o leitor decida que caminho de leitura seguir. Um deles leva a histórias de dez personalidades femininas que marcaram o Brasil, cujas páginas são identificadas pelas bordas de cor laranja; o outro caminho leva a dez histórias de personalidades masculinas que marcaram o Brasil, dessa vez com páginas emolduradas em verde. Contudo, essas cores das bordas se invertem nas capas, funcionando como um índice de natureza plástico-icônica cujos efeitos de sentido possíveis podem remeter à ideia de unidade e complementaridade das narrativas paralelas. Essas narrativas equivalem-se não só em termos numéricos, mas também em termos do grau de importância das personalidades e suas contribuições marcantes, materializando, assim, a temática da igualdade entre os gêneros.

Cabe ainda dizer que *Era uma vez 20* (SANDRONI) é exemplar de uma tendência dos livros informativos de se aproximarem de obras referência, organizando-se por meio de verbetes, o que coloca o hibridismo de gêneros como mais uma fronteira a ser considerada na análise do livro informativo, que não raro se presta a uma leitura hipertextual.

Em certo sentido, a organização por verbetes se assemelha à estrutura/organização dos livros ilustrados do tipo portfólio ou catálogo. O que diferencia a lista de verbetes da referida tipologia, entretanto, é o volume de texto

verbal. Os verbetes, em geral, embora obedeçam a um movimento de acumulação entre si, são textos expositivos longos acompanhados de ilustrações – *Bichos vermelhos* (ROSA), *Era uma vez 20* (SANDRONI) e *No céu e no mar as aves das nossas praias* (SANTOS) – ou de fotografias – *Eu estou aqui: crianças que deixaram seus países para começar uma nova vida no Brasil* (ZAKZUK) –, que funcionam como contrapartes visuais do texto verbal. Este último livro também conta com um híbrido de mapa-múndi e infográfico que é, a um só tempo, texto e peritexto, pois, além de localizar os países de origem das doze crianças imigrantes, ainda funciona como sumário, indicando as páginas dos verbetes em que cada uma delas é apresentada. Nesse sentido, apesar da qualidade gráfica e estética dos recursos empregados nos quatro livros citados, cuja diversidade de técnicas e estilos impressiona, as imagens têm função informativa, assim como os verbetes, o que não configura uma relação de interdependência estrita como a observada nos livros ilustrados. São, portanto, livros com ilustração.

Outras duas publicações da categoria que constituem exemplos de hibridismos de formatos e gêneros são *O livro dos jogos das crianças indígenas e africanas* (SEABRA) e *Um voo sobre as capitais brasileiras* (CASTRO), ambos livros-objeto de apelo lúdico.

O livro dos jogos das crianças indígenas e africanas (SEABRA) é composto de duplo suporte: um livro e uma caixa, de mesmo formato e tamanho, acoplados. O livro contém informações e regras sobre dois jogos, um de origem indígena – adugo, o jogo da onça criado pelos Bororo, povo da região do Mato Grosso –, outro de origem africana – os mancalas, jogos de sementeira, praticados em diferentes regiões da África. A caixa contém um tabuleiro e peças que permitem ao leitor a prática de ambos os jogos.

Um voo sobre as capitais brasileiras (CASTRO) é constituído de cinco pequenos livros de diferentes tamanhos, cada um no formato de uma região brasileira, peças de um quebra-cabeça que, quando unidas, tomam a forma do mapa do Brasil. Cada livro contém textos em prosa ou versos sobre personagens crianças que representam as capitais das cidades integrantes das regiões. Esses cinco pequenos livros vêm acondicionados em uma caixa em formato de maleta.

Ainda que em ambas as publicações a proposta predominante de ação interlocutória seja a informativa, outras se mesclam a ela. Em *O livro dos jogos das crianças indígenas e africanas* (SEABRA), à proposta informativa subjaz a proposta pragmática de caráter lúdico, pois o leitor é instado a aprender a jogar e a praticar os jogos apresentados e ofertados pela publicação. Em *Um voo sobre as capitais brasileiras* (CASTRO), duas outras propostas de ação interlocutória se fazem subjacentes à principal: a proposta pragmática, também de caráter lúdico, que consiste no convite à montagem do quebra-cabeça, e a ficcional, presente nas histórias ou poemas sobre as personagens crianças.

Neste conjunto tomado como exemplo das aproximações dos livros informativos aos livros ilustrados, há duas publicações que merecem destaque pelo fato de poderem ser categorizadas como livros ilustrados informativos, tanto por sua materialidade quanto pela relevância do texto visual sobre o texto verbal de prevalente proposta informativa. Trata-se de *Manaus* (FREITAS), um livro-objeto que faz uso da dobradura em sanfona, e *A orelha vai à escola: provérbios africanos para ler e refletir* (BARBOSA).

Em formato quadrado e dimensões que, quando dobrado, fazem-no caber na palma da mão, *Manaus* (FREITAS), em seu anverso (por estar logo a seguir à capa e

folha de rosto), traz um texto exclusivamente visual que apresenta ao leitor cenários e personagens característicos da capital do Amazonas, uma das principais cidades da região norte do país. Por ser sanfonado⁶, o livro possibilita que as cenas visuais de página dupla sejam lidas sequencialmente, umas após as outras, como na forma tradicional do livro encadernado, ou que, ao ser desdobrado inteiramente, essas mesmas cenas sejam apreciadas em seu conjunto, a despeito de suas dobras, como um interessante painel das principais características, usos e costumes dos manauaras. No verso, um texto verbal de caráter informativo lança mão do recurso ficcional da autobiografia ao personificar a cidade de Manaus, tornando-a um narrador-protagonista que fala de si – sua localização e biodiversidade, seu folclore, suas construções arquitetônicas e seus principais pontos turísticos, entre outros aspectos –, numa perspectiva orientada pela subjetividade. O texto autobiográfico é acompanhado de ilustrações, que podem ser apreciadas a partir das mesmas formas de leitura oferecidas no texto exclusivamente visual. Nesse sentido, todas as possibilidades de manipulação que este livro proporciona são decisivas para a amplificação da experiência leitora.

A orelha vai à escola: provérbios africanos para ler e refletir (BARBOSA) também reúne características que tornam possível categorizá-lo como um livro ilustrado informativo do tipo portfólio ou catálogo. Em cada página dupla, uma só ilustração que sangra as margens reúne elementos figurativos que contemplam os provérbios apresentados (são dois a cada página dupla). Assim, as ilustrações contribuem para a unidade de sentido entre texto e imagem, sendo imprescindíveis para informar sobre aspectos físicos e culturais dos países africanos de origem dos provérbios. O ilustrador, também responsável pelo *design* gráfico desta publicação materialmente simples – trata-se de uma brochura em formato paisagem –, investe em elementos peritextuais – como as falsas guardas com grafismos africanos – que confluem para a significação.

As análises dos livros premiados na categoria Informativo a seguir permitirão indicar algumas especificidades desse gênero que tem como principal propósito a veiculação da informação, segundo Gallarón (2015, p. 43), de modo “preciso, claro, rigoroso e acessível”, ao revelar suas fontes para o leitor, e que, via de regra, é marcado pelo hibridismo, pela multimodalidade, e pelo emprego de recursos lúdicos, estéticos, artísticos, literários.

4 O discurso informativo e suas características: os livros premiados

O discurso informativo, segundo Charaudeau (2012, p. 63), que o estuda na perspectiva de sua inserção nas mídias, é aquele que possui uma relação estreita com os imaginários do saber e do poder, uma vez que “informar é possuir um saber que o outro ignora (‘saber’), ter a aptidão que permite transmiti-lo a esse outro (‘poder dizer’), ser legitimado nessa atividade de transmissão (‘poder de dizer’)”. Por isso, para verificar como esse discurso se realiza nos livros informativos, é necessário que se compreenda o modo como é construído.

Quem informa? Para quem? O que informa? Com que propósito? De que maneira? Essas perguntas relacionadas, respectivamente, às instâncias de produção e recepção da informação, ao seu conteúdo, sua finalidade e suas estratégias, devem ser consideradas ao se analisar o discurso informativo nos livros.

⁶ Livros sanfonados ou desdobráveis são designações de volumes articulados em dobras, normalmente em peça única. Trata-se de uma forma gráfica muito profícua para provocar não só múltiplos efeitos de sentido, mas também proporcionar aos gestos de leitura maior interatividade.

A instância de produção dos livros informativos, em geral, envolve a autoria compartilhada entre profissionais de diferentes áreas do conhecimento, dada a grande variedade de assuntos e temas que esse gênero tende a contemplar e de estratégias para fazê-lo. Além de envolver escritores, pesquisadores e estudiosos responsáveis pelo texto verbal, ainda envolve profissionais da ilustração, do *design* gráfico e da editoração.

Nesse sentido, a instância denominada autor informador é responsável pela seleção, elaboração e transmissão da informação que, para ser digna de crédito e confiável, é necessário provir de vozes avalizadas e autorizadas, seja pela competência profissional, seja pela legitimidade que possuem. Por isso, atualmente, quase todos os livros publicados apresentam em seus peritextos informações sobre os autores que deem conta de atestar sua legitimidade e credibilidade.

Para Charaudeau (2012), o crédito que se pode dar a uma informação depende da posição social desempenhada pelo autor informador, de sua representatividade no grupo de que é porta-voz e do seu grau de engajamento quanto à informação prestada.

Em relação à sua posição social e representatividade, o autor informador pode ser aquele que tem notoriedade por ser pessoa pública, e que por isso, em tese, será digno de confiança, ou por ser uma pessoa que exerce atividade ou profissão a que se dá crédito; ele pode ser também uma testemunha, um investigador, pessoa que vê, ouve, lê, estuda e depois escreve sobre o que viu, ouviu, leu, estudou.

Em relação ao seu grau de engajamento quanto à informação prestada, o autor informador pode, ao veicular a informação, buscar produzir um efeito de objetividade e uma aparente neutralidade. Esse posicionamento tem como propósito apresentar a informação como uma evidência e, por isso, sem possibilidade de ser contestada. Esse grau de engajamento raramente se observa nas publicações concorrentes ao prêmio. O outro grau de engajamento, este sim bastante recorrente, trata-se daquele em que o autor o expressa sob o modo da convicção, afirmando a confiança em suas fontes, que são, inclusive, explicitadas tanto no texto quanto nos elementos peritextuais, tomando posição a respeito de certos princípios e valores éticos, políticos, estéticos, revelando assim marcas visíveis e muito significativas de autoria e subjetividade. O autor informador que se expressa sob o modo de convicção corresponderia àquele que, segundo Garralón (2015, p. 62), contribuiria para o desenvolvimento do pensamento crítico do leitor: “Um bom divulgador não é um mero transmissor de informação, é um autêntico criador que dá um sentido novo ao conhecimento quanto o contextualiza na vida cotidiana.”

A instância da recepção dos livros informativos é múltipla e multifacetada. Mesmo quando dirigidos a um público específico de crianças e jovens, o leitor adulto permanece no horizonte de expectativa dessa produção, já que, no campo literário infantil e juvenil, não é possível ignorar as muitas instâncias de mediação e legitimação por que o livro passa antes que chegue às mãos do seu destinatário final. Essa questão é particularmente relevante quando se trata das obras que ganharam a chancela de um prêmio literário cujo júri é composto por especialistas. Ainda que não tenham sido elaboradas com vistas à premiação, o fato é que a espera pelo aval do leitor adulto, que disponibiliza os livros para as crianças e jovens e atesta sua qualidade estética (pais, professores, bibliotecários, contadores de histórias, críticos e especialistas), costuma interferir na tessitura das obras.

Assim, a análise mais detida das marcas textuais, gráficas e materiais de interlocução presentes nos livros premiados evidenciam não só quais leitores estão presumidos (que leitores são esperados ou se pretende formar), mas também quais critérios de qualidade são levados em consideração pela leitura crítica especializada.

Pode-se observar a esse respeito que ambas as publicações procuram estimular um protocolo de leitura atento às fontes, ao trabalho de pesquisa, à seleção e validação das informações e à opinião qualificada – ou seja, há uma preocupação em formar leitores seletivos, que, diante da atual sobrecarga e dispersão de informações (especialmente as de caráter duvidoso), possam deter-se em determinados conteúdos e aprofundar sua compreensão de acordo com balizas identificáveis e confiáveis.

A autoria coletiva já aludida ganha, no escopo da recepção, uma função específica: tornar a informação compreensível e interessante para os leitores mais jovens. Nesse sentido, importa observar que são várias as estratégias empregadas, tanto verbais quanto não verbais, para que o leitor projete sua subjetividade e encontre espaços de diálogo, tornando a leitura uma experiência que, além de informá-lo, o afeta e sensibiliza. A transmissão de informações não se pretende unilateral e anódina; ao contrário, é pelo afetar-se – por sua aproximação com a proposta interlocutória ficcional – que a informação poderá mais facilmente se transformar em conhecimento. A abertura à subjetividade ainda permite uma perspectiva viva e dinâmica com o saber, que contraria o autoritarismo e o caráter monológico de propostas pragmáticas, tão ao gosto de publicações didatizantes que escamoteiam polêmicas e pretendem se passar por verdades únicas, irrefutáveis.

Quanto ao conteúdo da informação, a princípio, assuntos ligados às mais diversas áreas do conhecimento e temáticas podem ser matéria dos livros informativos, desde que observados os critérios de validade e adequação. É preciso que a informação veiculada seja verdadeira, fidedigna e digna de crédito, além de adequada e pertinente tanto à sua finalidade quanto ao público a que se destina. Para isso, é preciso recorrer a estratégias discursivas que envolvem não somente a semiose verbal, mas também outras semioses, principalmente a visual. É isso que se pretende demonstrar com as análises dos livros a seguir.

4.1 Lá no meu quintal: o brincar de meninas e meninos de Norte a Sul

Gabriela Romeu e Marlene Peret são jornalistas que atuaram e atuam em projetos sociais ligados à infância⁷. Juntas, realizaram um consistente trabalho de campo, visitando comunidades situadas nas cinco regiões do país, com o objetivo de documentar a vida das crianças brasileiras que lá vivem, mostrando como brincam em seus quintais e como interagem com seu grupo familiar e social. Essas atividades desenvolvidas pelas autoras tiveram como um dos resultados a publicação do livro premiado *Lá no meu quintal: o brincar de meninas e meninos de Norte a Sul*⁸, que é organizado em cinco partes, cada uma delas dedicada a uma região do país representada por uma ou duas crianças. Todas as partes são compostas das mesmas seções, o que confere unidade à diversidade das informações contidas em cada uma delas. Sua autoria ainda conta com Samuel Macedo, fotógrafo responsável pelo registro das imagens; o ilustrador João Kammal; e a responsável pelo projeto gráfico e diagramação, Ana Costa. Trata-se, portanto, do resultado de um trabalho realizado por uma instância de produção coletiva e multidisciplinar.

⁷ Destacam-se o projeto premiado *Mapa do Brincar* (disponível em: <<http://www.mapadobrinca.com.br>>), e o projeto *Infâncias* (disponível em: <<http://www.projetoinfancias.com>>).

⁸ Este livro também foi finalista do 62º Prêmio Jabuti 2020, no eixo Literatura Infantil.

Uma amostra dessa autoria compartilhada pode ser observada na figura 1, onde se vê a página dupla em que é apresentado pelo texto verbo-visual o quintal do menino Arawari, do povo indígena Asurini, que vive na cidade de Altamira, no Médio Xingu, estado do Pará, Norte do país.



Figura 1 – Lá no meu quintal, p. 14-15

Ao situarem para o leitor o universo que o menino Arawari habita, as autoras do texto verbal revelam seu próprio trajeto de descoberta de um quintal que se confunde com a floresta. Quando fazem o relato da trilha “úmida e verde da mata” por onde seguiram com Arawari e sua família, expressam suas impressões pessoais, revelando uma perspectiva carregada de subjetividade:

No caminho, ouvimos passos ligeiros e folhas secas estalarem. Não sabíamos se olhávamos para o chão, a fim de escapar de cobra e formiga, ou se olhávamos para cima, evitando nos enroscar em galhos que abraçavam atalhos. Ou ainda se ficávamos atentos aos sons da mata, quase todos indistinguíveis por nós. (ROMEY; PERET, 2019, p. 14).

Esse relato comprova que as autoras são vozes mais que autorizadas a informar, já que testemunharam aquilo sobre o que falam, graças à sua profunda e significativa imersão no universo da personagem retratada. O livro também dá a conhecer as práticas cotidianas do menino Arawari e de sua comunidade pelas lentes do fotógrafo que as acompanha, e com quem partilham a autoria, como vemos nessas duas fotos que estão junto ao relato. Ao ilustrador cabe a ligação entre as páginas, por meio das intervenções que faz nas fotografias, emoldurando-as e complementando-as com outros elementos visuais, e, ainda, com a criação do *lettering* nos textos que têm as funções de legendas e títulos. Todos esses elementos formam uma rede de sentidos cujo acabamento é dado pela responsável pela diagramação e pelo projeto editorial, orientando e desafiando o olhar e a compreensão do leitor.

As fotografias de Samuel Macedo não apenas acompanham o texto escrito, ajudando o leitor a visualizar pessoas, objetos, plantas, animais e práticas desconhecidas por sua vivência urbana. Elas informam, mas não só: também dão densidade poética ao que é dito por meios dos enquadramentos do artista. Junto às ilustrações rupestres de Kammal João, o hibridismo de linguagens transporta o leitor para outro espaço físico (o Brasil profundo) e outra temporalidade (a poética) – ambos distantes da frequência

frenética das grandes cidades. São responsáveis, pois, pela criação de uma atmosfera lúdica para a leitura. Um dos desenhos mostra o que é uma voadeira (barco com motor), sem se render à referencialidade. A outra ilustração, por sua vez, está ali para envolver o leitor nas sensações do local, remetendo ao crepitar das folhas secas.

A multimodalidade da obra não se esgota na relação entre texto verbal e imagens (fotografia e ilustração), mas abarca também a incorporação de outros gêneros discursivos que organizam as informações de forma verbo-visual de modo a torná-las mais facilmente apreensíveis e mais atraentes.

É esse o caso dos mapas dos quintais das crianças retratadas, de que a figura 2 é exemplar. Ela apresenta o mapa afetivo do quintal de Arawari, no qual podem-se perceber marcas explícitas de interlocução com o leitor jovem presumido. Há um convite no canto superior esquerdo à participação desse leitor, que é também uma estratégia para que ele projete seu conhecimento prévio no texto e assuma a postura interativa necessária à leitura: “E você? No quintal do Arawari, folha, semente, vento, tudo é brinquedo, puro invento. E seus brinquedos... São feitos de quê?” (ROMEU; PERET, 2019, p. 22).



Figura 2 – Lá no meu quintal, p. 22-23

Abaixo, no canto inferior direito, o QR Code permite que o leitor prolongue sua leitura ao acessar um vídeo do menino em seu quintal, inserido na natureza e nas práticas sociais da sua comunidade: nadando, construindo brinquedos, caçando. A possibilidade de acesso à imagem em movimento amplifica o potencial multimodal da obra e os modos de ler, que passam a incluir o epitexto – um elemento que não está materialmente anexado ao texto, que circula fora do livro – como partícipe da rede hipertextual e mutissemiótica de leitura.

Pode-se perceber como o próprio mapa é um convite à participação do leitor. Não há pretensão de ser geograficamente preciso (note-se a incoerência da escala na representação da formiga e do menino). O que o mapa oferece é, na verdade, um percurso subjetivo por esse quintal, constituindo um guia para o leitor se movimentar pelos espaços afetivos de Arawari, sem que haja uma direção única a tomar. O leitor pode adentrar esse quintal por onde quiser e lê-lo a partir de qualquer direção, segundo seu desejo e seu ritmo.

O fato de as ilustrações estarem em folhas duplas sangradas, sem molduras ou margens, colabora para esse efeito: é como se o quintal se expandisse pra além das páginas. “O grandão Amazonas” e “o verdinho Xingu” não têm limites gráficos, o que

leva a imaginar seu prolongamento fora do livro. A linguagem expressiva das legendas, por sua vez, também situa o leitor no espaço do afeto. O mapa é, enfim, um chamado à exploração livre do leitor por esse quintal também feito de imagens e palavras.

Fazem parte ainda da construção multissemiótica da obra os vários manuais de instrução que acompanham o texto-base para ensinar o leitor a confeccionar os brinquedos ou a participar dos jogos e brincadeiras que são objeto de exposição e descrição. O caráter injuntivo desses textos, assim como o recurso do QR Code, ressignificam a experiência de leitura da obra, ao convocarem o leitor à ação para além do plano do processamento cognitivo da materialidade do texto, inserindo-o em espaços inauditos de construção de sentidos.

4.2 Reinações de Monteiro Lobato: uma biografia

Publicação da Companhia das Letrinhas com texto de Marisa Lajolo e Lilia Moritz Schwarcz, ilustrações de Lole, capa e projeto gráfico de Juliana Vidigal e consultoria do jornalista, escritor, pesquisador e também biógrafo de Lobato Vladimir Saccheta, *Reinações de Monteiro Lobato: uma biografia* é fruto do trabalho coletivo dessas múltiplas parcerias, característica comum aos dois livros premiados na categoria. Sua finalidade é apresentar ao público infantil e juvenil a vida e a trajetória profissional de Monteiro Lobato, escritor canônico considerado um divisor de águas na produção literária brasileira para crianças e jovens, cuja obra entrou em domínio público em 2019, o que levou algumas editoras a reeditarem seus livros tanto em versões integrais quanto em versões adaptadas.

As autoras do texto verbal, que reúnem os atributos de legitimidade e credibilidade requeridos para o projeto de dizer da obra, são vozes mais do que avalizadas. Marisa Lajolo, responsável pelo texto-base do livro, a autobiografia de Monteiro Lobato, é crítica literária, professora universitária, pesquisadora e escritora, sendo considerada uma das maiores especialistas da obra do autor. Lilia Schwarcz, responsável pelas notas explicativas sobre o contexto social, histórico e político em que escritor viveu, é também professora universitária, antropóloga, historiadora, pesquisadora e escritora muito conceituada no meio acadêmico e intelectual.

O livro em formato retrato, com encadernação capa dura, apresenta guardas decorativas⁹ que traz um mapa-múndi imaginário, o “Mapa do mundo das maravilhas”, onde se situam lugares cujas referências são os clássicos da literatura universal para crianças e jovens traduzidos por Monteiro Lobato em associação às próprias personagens do universo lobatiano.

Os peritextos são numerosos nos elementos pós-textuais do livro: uma página de créditos das imagens; uma extensa cronologia que ora alterna, ora apresenta paralelamente acontecimentos da vida do autor e acontecimentos históricos; uma página com referências bibliográficas sobre Lobato; breves informações sobre a ilustradora e a autora da capa e do projeto gráfico; um texto dirigido ao leitor intitulado “Autobiografia da nossa autobiografia de Monteiro Lobato”, no qual as autoras do texto verbal informam quem são e o que fazem, dando ênfase à explicação de como seu encontro resultou na escrita da autobiografia, que implicou um processo conjunto de seleção e elaboração dos conteúdos, bem como de discussão das questões abordadas:

⁹ Segundo a tipologia para as guardas estabelecida por Ramos (2007, p. 224), guardas decorativas são aquelas formadas por ilustrações “com um motivo relativo à história que vai ser/foi contada ou apenas com uma ou várias cores dominantes da ilustração”.

Discutimos por que Nastácia aparece sempre como empregada e suas histórias viram folclore e não cultura e ponto, dialogamos sobre a atitude de Monteiro Lobato contra Malfatti e o grupo paulistano da Semana de 1922, e sobre o livro *O presidente negro*.

Ao final, sempre acabávamos concordando, pois aprendemos que é preciso entender o autor dentro do seu contexto. Isso não significa “desculpá-lo” e ponto final. Também não é nosso papel esconder todas as contradições que fizeram parte da vida de Lobato. Ao contrário, tratar delas só o deixa mais humano e próximo de você, nosso leitor. (LAJOLO; SCHWARCZ, 2019, p. 72)

Na autobiografia de Lobato, as estratégias narrativas adotadas pelas autoras incluem textos de diferentes semioses e gêneros que funcionam como provas documentais e, portanto, objetivas. Tais textos conferem veracidade e autenticidade às informações neles contidas. É por meio deles que elas convocam o leitor a estabelecer as relações de sentido, levando-o a construir seu próprio convencimento e conhecimento. Exemplo disso pode ser encontrado na figura 3 a seguir, que exhibe uma das páginas duplas¹⁰ do livro em que o texto autobiográfico é acompanhado de uma nota explicativa e de textos de outros gêneros, como a carta que a mãe de Lobato escreveu à sua mãe, comunicando o nascimento do neto; uma ilustração de Dona Benta feita por Jean Villin, um dos grandes ilustradores da obra do autor; uma fotografia da Fazenda São José, propriedade do avô de Monteiro Lobato e lugar de seu nascimento.

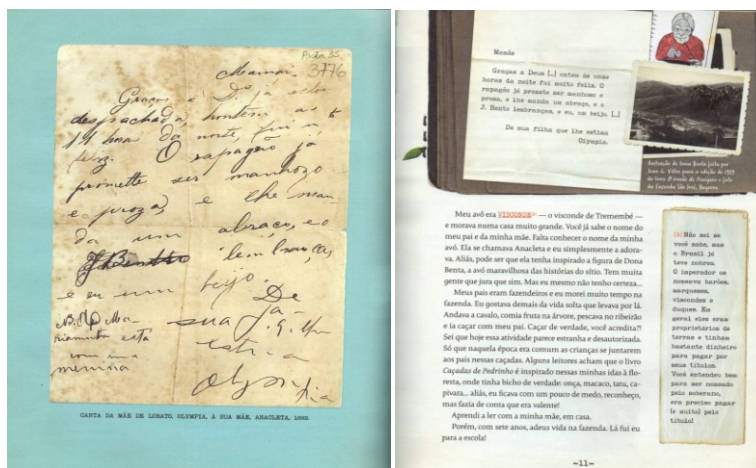


Figura 3 – *Reinações de Monteiro Lobato*, p. 10-11

O texto-base, a autobiografia, onde se estabelece um pacto, ao mesmo tempo, ficcional e não ficcional com o leitor, menciona o fato de que Dona Benta – personagem a que tanto o texto verbal quanto o visual, a reprodução da ilustração de Villin, aludem – talvez tivesse sido inspirada na avó de Lobato, a quem se destina a reprodução da carta que ocupa toda a página à esquerda. Outra menção do texto verbal, a de que o avô de Lobato era visconde, enseja o comentário crítico da nota explicativa sobre os títulos

¹⁰ Embora a noção de página dupla não se aplique sem reservas ao caso de *Reinações de Lobato: uma biografia* – não há exatamente uma continuidade entre as páginas, como nos exemplos de *Lá no meu quintal: o brincar de meninas e meninos de Norte a Sul* –, não é possível ignorar as relações coesas entre os elementos verbais e não verbais, os vários gêneros e peritextos que se articulam na obra. A opção pela manutenção da página dupla como unidade de sentido e de análise resguarda a coerência do caminho interpretativo adotado neste artigo.

de nobreza serem, em geral, comprados por proprietários de terra ricos o suficiente para pagar por eles. Nesse sentido, a seleção e reunião desses textos de diferentes gêneros e semioses que se intercomunicam, bem como a interpelação do leitor por meio de sua inscrição no texto verbal – “Você já sabe o nome do meu pai e da minha mãe. Falta conhecer o nome da minha avó.”; “Não sei se você sabe, mas o Brasil já teve nobres.” (LAJOLO; SCHWARCZ, 2019, p. 11) –, são recursos que evidenciam as marcas de autoria e, ao mesmo tempo, o rigor e o cuidado no tratamento da informação.

As marcas de interlocução com o leitor, como em *Lá no meu quintal: o brincar de meninas e meninos de Norte a Sul*, ao mesmo tempo que revelam o leitor presumido da obra, participam de um conjunto mais amplo de estratégias que visam ao seu envolvimento com o texto e o convidam à interação.

O modo de organização textual escolhido também caminha nesse sentido. O mais comum nos gêneros informativos é que o texto-base seja um texto expositivo, aquele em que sequências de ideias são apresentadas a partir de encadeamento lógico-discursivo: causa e efeito, problema e solução, fato e explicação, tese e evidência e assim por diante. A dicção jornalística de *Lá no meu quintal: o brincar de meninas e meninos de Norte a Sul* se aproxima do modo de organização expositivo, mas é arejada pela subjetividade das autoras e pela linguagem expressiva, como já salientado.

Já em *Reinações de Monteiro Lobato: uma biografia* pode-se observar uma tendência dos livros informativos destinados a crianças e jovens: o recurso ao modo de organização narrativo, por ser mais condizente com a expectativa dos leitores menos experientes e, portanto, permitir uma adesão maior ao texto por sua aproximação com a efabulação. No caso em questão, tal aproximação é potencializada pela escolha de uma narrativa em primeira pessoa levada a cabo pelo próprio Monteiro Lobato, que assume a responsabilidade pelo relato e, como mencionado, enceta uma conversa com os leitores acerca dos eventos vividos e das ideias defendidas. A publicação se configura, assim, como uma autobiografia ficcional – com todos os riscos advindos de uma escolha que se, por um lado, autoriza determinada liberdade inventiva, por outro, é constrangida pelos limites impostos pela própria figura histórica do autor.

A esse respeito, é interessante observar o papel exercido pelas notas explicativas. Elas funcionam como *hiperlinks* que dão ao leitor informações que contextualizam os eventos e ideias ou esclarecem termos e conceitos. Na mancha gráfica das páginas, como se pode observar na figura 3, as notas dividem espaço com o texto principal em vez de se comprimirem no pé de página ou se avolumarem no fim no livro; isso é um indício de que sua leitura não é dispensável. Apesar de seu caráter expositivo, também aí se procura manter o diálogo com o leitor para deter sua atenção e tornar-lhe as informações mais palatáveis. Sem a articulação com as notas, nas quais se encontra a voz autorizada da especialista, e não a voz ficcional de Lobato, a credibilidade do conjunto estaria afetada. É inclusive por meio delas que o leitor é apresentado a uma perspectiva que problematiza discursos e ações do biografado fora da chave da ficção – sobretudo no que se refere à manifestação de seu racismo.

Na figura 4 a seguir, o diálogo com o leitor ganha uma nova dimensão a partir da reprodução de uma carta de Lobato para o seu neto Rodrigo, cujo humor melancólico e tom afetoso, além da linguagem expressiva, contribuem para a criação de uma atmosfera de intimidade e para a exposição da humanidade do autor:

O meu coração já cansado de fazer tique-taque [...]. Isto quer dizer que não vou ficar muito tempo nesse mundo. Breve me mandarei para o outro, onde a vida deve ser mais agradável porque não há corpo para

carregar. E então me divertirei muito, de puxar a perna e fazer outras reinações com os vivos. (LAJOLO; SCHWARCZ, 2019, p. 68)



Figura 4 – Reinações de Monteiro Lobato, p. 68-69

A presença textual do interlocutor real da carta pode tornar-se um veículo para a identificação do leitor com o texto, por conta da aproximação com uma sensibilidade e uma forma de ver o mundo. Nesse sentido, a maneira como Lobato se dirige ao neto acolhe também o leitor da biografia, permitindo-lhe projetar-se na obra. Além disso, vale destacar o efeito produzido pela reprodução da carta original e pela fotografia em preto e branco, que ajudam o leitor a se inserir na época descrita e também na temporalidade histórico-afetiva da memória.

Outro recurso digno de nota é a inserção da ilustração de Lole para a boneca Emília. Trazer uma personagem da obra literária infantil de Lobato para o livro informativo também é uma maneira de presumir e engajar o leitor mais jovem, além de se mostrar um recurso estético produtivo, devedor da leitura crítica das especialistas. Emília começa e termina a biografia de Lobato, com seu inconfundível atrevimento e irreverência, e sem deixar de estabelecer uma relação intertextual bem-humorada com as suas próprias memórias, levadas a cabo por sua imaginação e pela pena da personagem Visconde de Sabugosa no livro *Memórias da Emília*, publicado por Lobato em 1936. A brincadeira com a biografia, objeto desta análise, diverte o leitor adulto: Marisa e Lilia fazem as vezes de Visconde, mas sem abdicar do rigor das fontes e colocar o ficcional sob a vigilância do documental.

Cabe ainda uma menção à sutileza com que a biografia é encerrada. Na parte inferior, ligando as páginas par e ímpar através da calha, agulha e linha arrematam visualmente o que está sendo concluído no texto verbal. Esse frágil liame somado à imagem destacada da boneca de pano une não só as duas páginas, mas também o início e o fim do livro, uma sugestiva remissão ao princípio organizador obra: o costurar de formas e sentidos em suas várias semioses.

5 Considerações finais

A análise do conjunto de livros informativos destinados ao público leitor de crianças e jovens integrantes da produção editorial brasileira de 2019 que concorreram ao Prêmio FNLIJ 2020 na categoria Informativo suscitou reflexões concernentes à sua produção, circulação e recepção, e como isso repercute no campo da crítica da literatura infantil e juvenil brasileira.

Em primeiro lugar, uma breve consideração acerca do conjunto dos livros concorrentes permitiu a identificação de uma forte tendência de investimento visual e gráfico nas publicações, o que levou a se pensar na hipótese de que os livros informativos contemporâneos sejam também livros ilustrados, acompanhando um duplo movimento editorial: de um lado, a forte presença da imagem e dos recursos gráficos como possibilidade de experimentação estética, diferenciação no mercado e apelo ao leitor-consumidor contemporâneo; de outro, a necessidade de tornar mais atraente um nicho em franca expansão devido ao papel cada vez mais relevante da informação cuidada, avalizada e confiável frente à torrente de desinformação existente.

Entretanto, um olhar mais acurado mostra que o livro ilustrado como formato editorial e categoria analítica apresenta características nem sempre encontradas nas obras tomadas como objeto de análise, que podem ser divididas em duas categorias: livros ilustrados – nos quais a relação de interdependência entre texto verbal e texto visual é flagrante e o *design* desempenha papel imprescindível para a coerência global da obra – e livros com ilustração, sendo esta última categoria muito mais numerosa que a anterior. Tal categorização não se deu sem embates, visto que o próprio formato editorial livro ilustrado tem no hibridismo sua gênese; por isso, puderam-se fazer aproximações de algumas obras ao livro-objeto, ao livro-jogo e ao livro-brinquedo – todas elas categorias fronteiriças ao livro ilustrado.

Em segundo lugar, a análise dos dois livros vencedores do prêmio da categoria livro informativo – *Lá no meu quintal: o brincar de meninas e meninos de Norte a Sul e Reinações de Monteiro Lobato: uma biografia* – forneceu subsídios para a apreensão dos principais aspectos e características que os aproximam da forma editorial livro ilustrado e justificam sua legitimação por meio do prêmio. Embora a presença ostensiva de maior volume de texto verbal não autorize sua classificação como livros ilustrados, é inegável que o investimento criativo em suas materialidades, o papel desempenhado pelo *design*, o diálogo estreito entre o verbal e o visual e, ainda, a incorporação de gêneros, por si sós, multissemióticos, os aproximam do livro ilustrado, assim como parte considerável dos livros informativos contemporâneos, que se orientam no mesmo sentido.

A análise dos livros premiados buscou evidenciar como as características elencadas se tornam “lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público” (GENETTE, 2009, p. 10), que nas obras em análise dizem respeito não apenas à exigência de um leitor criança ou jovem crítico, capaz de construir sentidos ativamente, mas também à formação desse leitor. Assim, o par atrair/desafiar subjaz ao projeto de dizer das obras de modo que o intercâmbio verbo-visual e a intergenericidade, além de possibilitarem maior experimentação estética por parte das instâncias de produção, tornam-se também mediadores de leitura para as instâncias de recepção. No caso dos livros informativos contemporâneos, o papel de andaime exercido por essa experimentação é uma aposta na verticalização e fixação do conhecimento – em detrimento da dispersão e volatilidade de dados e fatos – e em um protocolo de leitura menos aligeirado e mais seletivo em comparação ao consumo midiático e digital da informação.

É necessário dizer que o modo como Genette (2009) define paratexto pode-se aplicar perfeitamente à noção de *design* que, entretanto, não se esgota nos paratextos. Além disso, tanto o livro informativo quanto o ilustrado colocam em xeque as funções periféricas a que os paratextos podem remeter. A esse respeito, uma questão emergiu durante a análise como uma vereda a ser posteriormente explorada: em que medida os vários subgêneros que se mesclam no livro informativo (infográficos, linhas do tempo)

e os peritextos (notas explicativas, fotografias) podem ser considerados adendos ou recursos indispensáveis à proposta informativa que se quer encampar?

Se essa é uma questão que ainda necessita de investigação, outra parece mais assente. As publicações informativas chanceladas pelo prêmio e pela crítica têm diversificado, ampliado e intensificado os recursos lúdicos e artísticos empregados a partir da incorporação de múltiplas semioses verbo-visuais e do maior investimento material e gráfico no objeto livro. Assim, revestem a proposta informativa de valor estético, conferindo-lhe autoria e originalidade; além disso, pretendem não apenas envolver intelectualmente o leitor criança ou jovem, mas afetá-lo por meio de aberturas à subjetividade e ao diálogo – tarefa urgente para a defesa de uma sociedade democrática e plural.

Referências

- BELMIRO, C. A.; MARTINS, M. V. R. Em busca de fugas poéticas: informação e ficção em livros para a infância. *Em aberto*. Brasília, v. 32, n. 105, p. 59-76, maio/ago 2019.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. Trad. Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- HUNT, P. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- GARRALÓN, A. *Ler e saber: os livros informativos para crianças*. Trad. Thaís Albieri; Márcia Leite. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.
- GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- LINDEN, S. *Para ler o livro ilustrado*. Trad. Dorothee de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- MATTOS, M. S. *Informação e ficção na literatura infantojuvenil: reflexões sobre a leitura no Brasil*. Niterói, 2002. 124f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.
- NIKOLAJEVA, M.; SCOTT, C.. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- PAULINO, Graça. Diversidade de narrativas. In: PAIVA, A. *et al.* (Orgs.). *No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 71-76.
- RAMOS, A. M. *Livros de palmo e meio: reflexões sobre literatura para a infância*. Lisboa: Caminho, 2007.

_____. Apontamentos para uma poética do álbum contemporâneo. In: RECHOU, B. R.; LÓPES, I. S.; RODRÍGUES, M. N. (Coords.). *O álbum na literatura infantil e juvenil (2000-2010)*. Vigo: Xerais, 2011, p. 14-40.

_____. Desafios da leitura do livro ilustrado pós-moderno: formar leitores cada vez mais cedo. *Sede de ler*. Niterói, ano 5, n. 5, p. 5-8, set. 2018.

_____. Hibridismos e contaminações: a propósito do livro-álbum como formato omnívoro. In: PEREIRA, P. A.; COSTA, I.; MADALENA, E. (Coords.). *Mix & Match: poéticas do hibridismo*. Ribeirão Portugal: Edições Húmus, 2020, p. 173-194.

Livros concorrentes ao Prêmio FNLIJ na categoria Informativo

AIDAR, F.; ALVES J. C. *Como não ser enganado pelas fake news*. Il. Diogo César; Weberson Santiago. São Paulo: Moderna, 2019.

BARBOSA, R. A. *Kakopi, kakopi!*: brincando e jogando com as crianças de vinte países africanos. Il. Mariolia Pirillo. São Paulo: Melhoramentos, 2019.

_____. *A orelha vai à escola todos os dias*: provérbios africanos para ler e refletir. Il. Marcelo Pimentel. São Paulo: Editora do Brasil, 2019.

BERNARDES, A. P.; FREITAS, T. *Tapete vermelho*. Il. Sandra Jávera. Editora do Brasil.

CASTRO, G. *Um voo sobre as capitais brasileiras*. Vários ilustradores. Rio de Janeiro: Zucca Books, 2019.

FREITAS, Irena. *Manaus*. São Paulo: Edições Barbatana, 2019.

FUX, J. *O enigma do infinito*. Il. Raquel Matsushita. Curitiba: Positivo, 2019.

LAJOLO, M.; SCHWARCZ, L. *Reinações de Monteiro Lobato*: uma biografia. Il. Lole. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

LEITÃO, M. M.; DUARTE, N. *Botero e o gato Chiquinho*. Il. Roberto Weigand. São Paulo: Editora do Brasil, 2019.

_____. *Frida e a joaninha Flora*. Il. Natália Gregorini. São Paulo: Editora do Brasil, 2019.

MICHELINI, C.; IACocca, M. *Ah, se eu pudesse falar!* De olho no desperdício. Il. Michele Iacocca. São Paulo: Moderna, 2019.

NEVES, A. B. *Curitiba de A a Z*. Il. Ingrid Osternack. Curitiba: Insight, 2019.

RAGGIOTTI, N. *Salada de frutas*: cores e opostos. Il. Laís Dias. São Paulo: Carochinha, 2019.

ROCHA, A. P. *Alinhavos: o futuro do planeta está no seu guarda-roupa*. Il. Camila Sampaio. São Paulo: Panda Books, 2019.

ROMEU, G. *Álbum de família: aventuras, memórias e efabulações da trupe familiar Carroça de Mamulengos*. Il. Carolina Bessell. São Paulo: Peirópolis, 2019.

_____; PERET, M. *Lá no meu quintal: o brincar de meninas e meninos de Norte a Sul*. Il. Kammal João; fotografia Samuel Macedo. São Paulo: Peirópolis, 2019.

ROSA, Lina. *Bichos vermelhos*. Il. Erick Vasconcelos; engenharia de papel Rebeca Melo; fotografia Helder Ferrer. 2. ed. Belo Horizonte: Aletria, 2019.

SANDRONI, L. *Era uma vez 20*. Il. Natália Calamari; Guilherme Karsten. São Paulo: Escarlata, 2019.

SANTOS, C. *No céu e no mar as aves das nossas praias*. Il. Alexandre Viana; Leandro Lopes. Florianópolis: Lagoa, 2019.

SANTOS, J. *Uma viagem do Brasil ao Japão*. Il. Mauricio de Sousa. São Paulo: Melhoramentos, 2019.

SEABRA, C. *O livro dos jogos das crianças indígenas e africanas*. Il. William Yukio. Itapira, SP: Estrela Cultural, 2019.

SOUZA, Márcio. *História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI*. São Paulo: Record, 2019.

TERRA, K. *Estação mundo: mobilidade*. Il. Mauricio Pierro. São Paulo: Edições SM, 2019.

TOKITAKA, J. *ABCDelas*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

TULCHINSKI, L. *Monstronário: monstros e assombrações do Brasil de A a Z*. Il. Alexandre Carvalho. São Paulo: Estrela Cultural, 2019.

YAMÃ, Y. *Guayarê: o menino da aldeia do rio*. Il. Yaguarê Yamã. São Paulo: Biruta, 2019.

ZAKZUK, M. *Eu estou aqui: crianças que deixaram seus países para começar uma nova vida no Brasil*. Fotografia Daiane da Mata. São Paulo: Panda Books, 2019.